

Sincretismo sobre a luz e a escuridão

Nosso sentido mais sensível e utilitário reconhece a alternância entre luz e escuridão como um fenômeno natural. É uma convenção tão antiga que já não causa interesse ao senso seletivo da atenção humana, mas nem sempre foi assim.

As fontes luminosas mais primitivas como o Sol e o fogo tem sua natureza intransmutável e fazem parte da vida humana desde que os pés marcaram o chão com as primeiras pegadas. Nessa época meramente imaginária para os padrões de hoje, ainda não tínhamos a capacidade desenvolvida de sambar, jogar futebol ou rezar ajoelhado, mas já existia o privilégio do andar elegante na forma erétil e, sendo assim, esses primeiros indivíduos, sem atração maior por si mesmos e ainda livres da idolatria por celebridades emergentes dedicaram-se a cultuar forças elementares em uma época da mais pura ingenuidade. Sem ciência, arte, religião, filosofia ou qualquer outra teoria vigente, inspiravam-se pela luz dos primeiros raios do dia, temiam os raios e respeitavam a grande sombra da noite.

A luz, o calor e suas funções vitais foram suficientes para que todos os seres vivos do planeta, instintivamente movimentassem suas estruturas em direção dessa fonte, ou dependendo do caso, a evitassem. Os mamíferos com um pouco mais de inteligência, adotaram o elemento luz/fogo como um ente místico, respeitando-o impulsivamente por suas amplas e irrefutáveis capacidades e serventias. A partir daí, não deve ter demorado para a luz/fogo ocupar um outro papel, mais afinado com a política divina, as necessidades espirituais e os interesses sombrios da mente humana. - O papel de deus. Se comparado à evolução da humanidade e as informações duvidosas que a mídia nos oferece hoje, talvez esta tenha sido a escolha mais democrática, ecumênica e o menor de todos os pecados humanos. Serão Coroacy (Mãe do Dia) e Guaracy (Deus Sol) as mais respeitadas e coerentes das manifestações espirituais ligadas aos homo sapiens por estarem ligadas a luz que vem do céu? São mitos indígenas antigos e sobre o manto da sombra de dúvida, os únicos deuses provedores de toda a vida. Evidente que não foi exatamente isso que os jesuítas e missionários entenderam, mas é exatamente a mesma forma como se prega até hoje, louvando a luz divina, evitando as sombras nefastas e assim por toda a eternidade.

Indo além dessa singela reflexão teosófica e sincrética sobre as táticas maniqueístas do cristianismo para criar novas figuras de linguagem, a luz solar pode ser bem mais interessante por sua qualidade fundamental. Além do mais, bem mais, ela não possui um único papel de geradora e mantenedora de toda a vida. A mãe

da luz, a solar, também serve para outras funções de viés prático no cotidiano dos viventes: - dividir a noite do dia. Cria-se assim, aos olhos dos crentes e ateus a maior alternância de claro/escuro que os nossos sentidos conhecem. Muitas vezes, somos incapazes de reconhecer que a noite é uma sombra. Como perceber a grandeza desse fenômeno se a própria dissimulação de sua linha fronteira é o que demonstra a sua qualidade? Só a uma imagem de satélite é capaz de amenizar o nosso limitado ponto de vista e percepção sobre a sombra da noite. Aí está uma comprovação sobre a teoria ou uma provocação de que a visão humana não alcança aquilo que deseja ver. Talvez por isso os olhos desejem tanto a luz, a segurança, o entendimento do mundo, mas por desejar demais perdeu a capacidade de ver. Arrisco em afirmar que a vidraça das "janelas da alma", como disse o poeta, precisa de uma boa limpeza. Cabe aos vigilantes investir com algum esforço e uma boa dose de imaginação na investigação das possibilidades especulativas sobre o que impede os olhos de apreciar as luzes e sombras na confortável vida moderna. Me arrisco.

O fogo/luz, substância formadora do astro Sol, é um elemento marcante na história do desenvolvimento da nossa civilização. Depois que o fogo foi dominado pelo homem, trouxe benefícios tão importantes que a vida humana nunca mais foi possível sem esse elemento. O primeiro fogo, que possivelmente chegou ao homem através do céu, de forma natural e aleatória, por meio de um raio, age em uma escala bem menor que a do Sol e, quando controlado possibilita aplicações cotidianas muito mais práticas que a luz solar. Então podemos deduzir que com o tempo e a experiência os seres humanos controlaram a natureza fenomenal do fogo desenvolvendo meios de controlar a sua combustão, aproveitando o seu calor e tornando-o uma ferramenta indispensável para produzir a luz e clarear não só suas tocas e cavernas, mas a maior de todas as escuridões: a noite.

Também podemos deduzir que os homens e mulheres primitivos da pré-história tinham como necessidade vital o uso do fogo no seu cotidiano e precisaram trabalhar seus sentidos para descobrir formas de coletar e estocar combustível. Produzir, controlar, cozinhar, iluminar, aquecer e não se ferir com as chamas. Iniciação que faz parte da nossa educação e desenvolvimento até os dias de hoje. Muitas vezes foi dito e ouvia-se: "Não brinca com fogo!". Sabiamente aprendemos e sabidamente entendemos que manter acesas as fogueiras e as tochas ao cair do sol era coisa séria, logicamente, uma questão de sobrevivência naquela época remota, proporcionando proteção e algumas vantagens. Seja ela sob forma de um fogaréu em uma pilha de lenha, emanando poder e superioridade sobre animais e inimigos que entendiam aquilo como um sinal de perigo ou sob a forma de um archote, como uma arma

de intimidação, com o lume preso na ponta de um pau, bem mais prática e ágil de manusear. Bastava ver o brilho da chama na **escuridão** daqueles tempos remotos para entender, instintivamente, o seu alto poder destrutivo. Provavelmente depois de algum tempo, os animais foram condicionados e passaram a **respeitar** o fogo e as autoridades que o dominavam. Da mesma forma, os inimigos descobriram os mistérios desse elemento obrigando a **humanidade** a criar outras ferramentas e produzir armas cada vez mais eficientes para intimidar os seus oponentes mais fortes ou desenvolvidos. Depois de muita lenha, brasa e cinza restava ao homem aplicar o fogo para outras finalidades, cada vez mais específicas, com valores mais industriais, gerando e aproveitando o calor para separar, fundir e moldar materiais mais duros e nobres. O motivo possivelmente permanecia o mesmo: - a **necessidade** de produzir novas armas.

O fascínio sobrenatural pela chama teve um declínio no imaginário, mas ainda permaneceu como fonte de iluminação por muitos anos. O fogo pode ser antigo ou moderno. É algo que está no pavio de uma vela ou abrindo espaço no território amazônico. É de domínio popular, sem restrições ou direitos autorais e deverá ser usado para o bem ou para o mal, conforme os princípios mais elementares da razão humana ou por instinto, porém restrito aos animais inteligentes.

Seguindo adiante, ainda no tempo antigo, onde a **luz** enfraquece, mas permanece acesa indicando um referencial para encontrar outros mistérios, temos a **fonte** da filosofia. É lá que o filósofo Platão, no livro "A República", nos oferece a **clássica** alegoria da caverna, convidando a **imaginarmos** a **nossa** condição de ignorância (**escuridão**) e sabedoria (**luz**). Vale a **pena** entrar lá, mas insisto em uma outra caverna, mais antiga e graças a **arqueologia** moderna, comprovadamente a **primeira** moradia da civilização pré-histórica. Foram catalogadas várias delas em todas as partes do mundo. Tem a **de Lascaux**, no sudoeste da França, famosa por suas pinturas. A **da Serra da Capivara**, no Piauí é outra que possui exuberância e segredos **sobre a** humanidade. Um dia vou lá, mas agora, imagine uma qualquer. Ou melhor, dessas onde exista um amplo salão, capaz de abrigar algumas famílias pré-históricas na volta de uma fogueira. Esse lugar imaginário é o cenário de uma situação também imaginária que propõe, por **forçada** natureza agressiva daquela época, que os indivíduos, durante a **noite**, permanecessem abrigados nessas cavernas, onde existia o resguardo contra as intempéries e os animais selvagens. É simples compreender esses fatores físicos e reais. Cabe a **nós** imaginarmos os metafísicos e sobrenaturais já que, desde sempre a **terra** gira, gera a **noite**, que gera o medo. Medo humano do desconhecido, oculto pelas trevas da noite. Raiz das assombrações. Naturalmente foi ao redor do fogo que

podiam, com mais segurança e conforto, superar os perigos dos mistérios reais e imaginários dessa época e assim, assar sua caça, comer, dormir e conviver. Não é difícil concluir que ao compartilharem o espaço limitado das tocas e cavernas que serviram como moradia, esses indivíduos primitivos experimentaram, desenvolveram e inventaram a sua própria forma de expressão e linguagem até chegar à fala. Com o uso contínuo do fogo na preparação dos alimentos e o hábito da convivência na hora da divisão da comida surgiram condições ideais para a manutenção e a união dos laços entre esses indivíduos, proporcionando, além da cooperação entre o clã, a sobrevivência e momentos de troca de experiências, instigando-os a descobrir uma forma de desenvolver a expressão em grupo. Inevitavelmente, uma dessas formas encontradas foi a narrativa de histórias. Caçadores, líderes, aventureiros e guerreiros narraram suas façanhas aos componentes da tribo ao redor do fogo. Nesse grande salão imaginário da caverna formava-se um círculo social com uma fogueira ardendo no meio. O clã comia e ouvia as proezas contadas por um caçador. De pé o homem vestindo peles de animais e segurando um machado de pedra gesticulava e grunhia numa empolgação de causar admiração e medo aos que participavam. A sombra do caçador projetada na grande parede de pedra do salão da caverna, às suas costas, revelava a forma silhuetada de um homem gigante, deformado e negro que ampliava suas façanhas no inconsciente da tribo através desse teatro de sombras. A escuridão da noite invadindo o interior da caverna, as chamas tremulantes da fogueira, a veemência do contador de histórias, a força espetacular da sua sombra projetada na parede e a comoção da tribo frente a essa configuração é, sem sombra de dúvida, uma cena teatral.

Chego a acreditar que, casualmente, numa dessas manifestações artísticas com as sombras na caverna, o efeito possa ter sido tão arrebatador entre ator/narrador e o público, com imagens tão potentes, que os espectadores tenham manifestado seu entusiasmo e admiração nessa narrativa, gritando e aplaudindo o artista em cena aberta.

Essa criação imaginária e hipotética só é possível de se aceitar se a sensibilidade humana vazar pelos limites da razão e da realidade. Como as sombras fazem sem esforço por pisos, paredes e tetos. Assim seremos capazes de buscar um entendimento, mesmo virtual, que compreenda que a percepção visual à alternância da escuridão e da luz, possivelmente usada ao acaso pelo narrador da caverna, no princípio de suas atuações, de forma quase irresponsável, sem noção do poder dessa ferramenta na manifestação do pensamento, tenha causado um efeito fascinante em quem participava dessa revelação. E causa ainda hoje, seja quando apreciamos um belo por do sol, o nascer da lua sobre a água do mar,

um eclipse, ou um filme no cinema. Tudo são alternâncias, percepções, sensibilidades, que naturalmente nos emocionam desde o tempo das cavernas.

Quem sabe essa experiência empírica na caverna não tenha sido a mais antiga das expressões humanas? Imagine essa primeira cena teatral onde o protagonista valeu-se de sua sombra, de forma expressiva, pronunciando-se publicamente na escuridão do ambiente, vislumbrando o brilho das chamas nos olhos dos espectadores. Desde então, ao passar dos anos, muitas histórias foram contadas e as sombras encontraram novos espaços escuros para vagar, como almas penadas no inconsciente humano, gerando e alimentando sonhos, temores, lendas, mitos, fantasias, fascinação e respeito. Cabe à escuridão e a luz continuar travando guerras mitológicas nas religiões, despertando a inocência da ciência, agindo sobre o pensamento filosófico, sensibilizando a psicologia humana e proporcionando espetáculos artísticos aos que estiverem atentos aos seus fenômenos.

Lá vai a sombra. Engano meu. Aí vem ela...